

ALMADA NEGREIROS

OBRA COMPLETA

Organização
ALEXEI BUENO

Introdução
JOSE AUGUSTO FRANÇA



almada



RIO DE JANEIRO, EDITORA NOVA AGUIJAR S.A., 1997

BIBLIOTECA
LUSO-BRASILEIRA
Série Portuguesa

ALMADA NEGREIROS
OBRA COMPLETA

em um volume

INTRODUÇÃO GERAL

Nota editorial / Almada Negreiros, letras e artes

Cronologia da vida e da obra

Iconografia

POESIA

FIÇÃO

TEATRO

MANIFESTOS, ENSAIOS, CRÔNICAS E PROSA DOUTRINÁRIA

APÊNDICE

Bibliografia / Índice geral

e a vida
doentinha
e a ermida
ao luar.

Lacarote
escarlata
de cocote
alegria
de Maria
la-ri-rate
em folia
de luar.

Giram pés
giram passos
girassóis
e os bonés,
e os braços
destes dois
giram laços
ao luar.

O colete
desta virgem
endoidece
como o S
do foguete
em vertigem
de luar.

Em minarete
mate
bate
leve
verde neve
minuete
de luar.

A CENA DO ÓDIO

de José Almada Negreiros
poeta sensacionista e Narciso do Egipto — 1915

*A Álvaro de Campos
a dedicação intensa de todos os meus avatares*

Foi escrito durante os três dias e as três noites
que durou a revolução de 14 de Maio de 1915

Ergo-Me Pederasta apupado d'imbecis,
Divinizo-Me Meretriz, ex-libris do Pecado,
e odeio tudo o que não Me é por Me rirem o Eu!
Satanizo-Me Tara na Vara de Moisés!
O castigo das serpentes é-Me riso nos dentes,
Inferno a arder o Meu Cantar!
Sou Vermelho-Niagara dos sexos escancarados nos chicotes dos cossacos!
Sou Pan-Demónio-Trifauce enfermiço de Gulal!
Sou Génio de Zartrusta em Taças de Maré-Altai!
Sou Raiva de Medusa e Danação do Soil!

Ladram-Me a Vida por vivê-La
e só Me deram Uma!
Hão-de lati-La por sinal!
Agora quero vivê-La!
Hei-de Poeta cantá-La em Gala sonora e dina
Hei-de Glória desanuviá-La!
Hei-de Guindaste içá-La Esfinge
da Yala pedestre onde Me querem rir!
Hei-de trovão-clarim leva-La Luz
às Almas-Noites do Jardim das Lágrimas!

Hei-de bombo rufá-La pompa de Pompeia
nos Funerais de Mimi!
Hei-de Alfange-Mahoma
cantar Sodoma na Voz de Nero!
Hei-de ser Fuas sem Virgem do Mliagre,
hei-de ser galope opiado e doido, opiado e doido...
Hei-d'Átila, hei-de Nero, hei-de Eu,
cantar Átila, cantar Nero, cantar Eu!

Sou Narciso do Meu Ódio!
 — O Meu Ódio é Lanterna de Diógenes,
 é cegueira de Diógenes,
 é cegueira da Lanterna!
 (O Meu Ódio tem tronos d'Herodes,
 histerismos de Cleópatra, perversões de Catarina!)
 O Meu Ódio é Dilúvio Universal sem Arcas de Noé, só Dilúvio Universal!
 e mais Universal ainda:
 Sempre a crescer, sempre a subir...
 até apagar o Sol!

Sou trono de Abandonado, malfadado,
 nas iras dos Bárbaros meus Avós.
 Oijo ainda da Berinda d'Eu ser sina
 gemidos vencidos de fracos,
 ruídos famintos de saque,
 ais distantes de Maldição eterna em Voz antiga!
 Sou ruínas rasas, inocentes
 como as asas de rapinas afogadas.
 Sou reliquias de mártires impotentes
 sequestradas em antrós do Vício.
 Sou clausura de Santa professora,
 Mãe exilada do Mal,
 Hósta d'Angústia no Claustro,
 freira demente e donzela,
 virtude sozinha da cela
 em penitência do sexo!
 Sou rasto espeznhado d'Invasores
 que cruzaram o meu sangue, desvirgando-o.
 Sou a raiva atávica dos Távoras,

o sangue bastardo de Nero,
 o ódio do último instante
 do Condenado inocente!
 A podenga do Limbo morden raivosa
 as pernas nuas da minh'Alma sem baptismo...
 Ah! que eu sinto, claramente, que nasci
 de uma praga de ciúmes!
 Eu sou as sete pragas sobre o Nilo
 e a Alma dos Bórgias a penar!

Tu, que te dizes Homem!
 Tu, que te alfaiatas em modas
 e fazes cartazes dos fatos que vestes
 p'ra que se não vejam as nódoas de baixo!
 Tu, qu'inventaste as Ciências e as Filosofias,
 as Políticas, as Artes e as Leis,
 e outros quebra-cabeças de sala
 e outros dramas de grande espectáculo...
 Tu, que aperfeiçoas sabiamente a arte de matar.
 Tu, que descobriste o cabo da Boa-Esperança
 e o Caminho Marítimo da Índia
 e as duas Grandes Américas,
 e que levaste a chatice a estas Terras
 e que trouxeste de lá mais gente p'raqui
 e qu'inda por cima cantaste estes Feitos...
 Tu, qu'inventaste a chatice e o balão,
 e que farto de te chateares no chão
 te foste chatear no ar,
 e qu'inda foste inventar submarinos
 p'ra te chateares também por debaixo d'água,
 Tu, que tens a mania das Invenções e das Descobertas
 e que nunca descobriste que eras bruto,
 e que nunca inventaste a maneira de não o seres...
 Tu consegues ser cada vez mais besta
 e a este progresso chamas Civilização!

Vai vivendo a bestialidade na Noite dos meus olhos,
 vai inchando a tua ambição-toiro
 'té que a barriga te rebente rá.

Serei Vitória um dia
 — Hegemonia de Mimi!
 e tu nem derrota, nem morto, nem nada.
 O Século-dos-Séculos virá um dia
 e a burguesia será escravatura
 se for capaz de sair de Cavalgadura!
 Hei-de, entretanto, gastar a garganta
 a insultar-te, ó bestal!
 Hei-de morder-te a ponta do rabo
 e pôr-te as mãos no chão, no seu lugar!
 Ai! Salimbanco-bando de bandoleiros nefastos!

Quadrilheiros contrabandistas da Imbecilidade!
 Aí! Espelho-aleijão do Sentimento,
 macaco-intruja do Alma-realejo!
 Aí! macrelle da Ignorância!
 Silenceur do Génio-Tempesade!
 Spleen da Indigestão!
 Aí! meia-tigela, travão das Ascensões!
 Aí! povo judeu dos Cristos mais que Cristo!
 Ó burguesia! Ó ideal com i pequeno
 Ó ideal ricóó dos Mendes e Possidónios
 Ó cofre d'indigentes
 Cuija personalidade é a moral de todos!
 Ó geral da mediocridade!
 Ó claque ignóbil do Vulgar, protagonista do normal!
 Ó Catitismo das lindezas d'estalo!
 Aí! lucro do fácil,
 cartilha-caboitina dos limitados, dos restringidos!
 Aí! dique-impedelho do Canal da Luz!
 Ó coito d'impotentes
 a corar ao sol no riacho da Estupidez!
 Aí! Zero-barómetro da Convicção!
 bitola dos chega, dos basta, dos não quero mais!
 Aí! Plebeísmo Aristocratizado no preço do panamá!
 erudição de calça xadrez!
 competência de relógio d'oiro
 e correntes com suores do Brasil,
 e berloques de cornos de búfalo!
 E eu vivo aqui desterrado e Job
 da Vida-gêmea d'Eu ser feliz!
 E eu vivo aqui sepultado vivo
 na Verdade de nunca ser Eu!
 Sou apenas o Mendigo de Mim-Próprio,
 órfão da Virgem do meu sentir.
 E como queres que eu faça fortuna
 se Deus, por escárnio, me deu Inteligência,
 e não tenho sequer, irmãs bonitas
 nem uma mãe que se venda para mim?
 (Pesam quilos no Meu querer
 as salas de espera de Mim.
 Tu chegas sempre primeiro...
 Eu volto sempre amanhã...
 Agora vou esperar que morras.

Mas tu és tantos que não morres...
 Vou deixar d'esp'rar que morras
 — Vou deixar d'esp'rar por mim!
 Ah! que eu sinto claramente, que nasci
 de uma praga de cúmes!
 Eu sou as sete pragas sobre o Nilo
 e a alma dos Bórgias a pensar!
 E tu, também, vicille-roche, castelo medieval
 fechado por dentro das tuas ruínas!
 Fiel epitáfio das crónicas adúladoras!
 E tu também ó sangue azul antigo
 que já nasceste co' a biografia feita!
 Ó pajem loiro das cortesias-avozinhas!
 Ó pergaminho amarelado-múmia
 das grandes galas brancas das paradas
 e das Vitóriaas dos torneios-lotarias
 com donzelas-glóriaas!
 Ó resto de cetros, fumo de cinzas!
 Ó lavas frias do Vulcão pirotécnico
 com chuvas d'oiros e cabeleiras prateadas!
 Ó estilhaços heráldicos de Vitrais
 despegados lentamente sobre o tanque do silêncio!
 Ó Cedro secular
 debruçado no muro da Quinta sobre a estrada
 a estorvar o caminho da Mala-postal!
 E vós também, ó Gentes de Pensamento,
 ó Personalidades, ó Homens!
 Artistas de todas as partes, cristãos sem pátria,
 Cristos vencidos por serem só Urn!
 E vós, ó Génios da Expressão,
 e vós também, ó Génios sem Voz!
 O além-infinito sem regressos, sem nostalgias,
 Espectadores gratuitos do Drama-Imenso de Vós-Mesmos!
 Profetas clandestinos
 do Nautrágio de Vossos Destinos!
 E vós também, teóricos-irmãos-gêmeos
 do meu sentir internacional!
 Ó escravos da Independência!
 Vós que não tendes prêmios

por se ter passado a vez de os ganhardes,
e famintos e covardes
entretéis a fome em revoltas do Mau-Génio
na boémia da bomba e da pólvora!

E tu também, ó Beleza Canalha
co' a sensibilidade manchada de vinho!
Ó lírio bravo da Floresta-Ardida
à meia-porta da tua Miséria!
Ó Fado da Mã-Sina
com ilustrações a giz
e letra da Maldição!
Ó fera vadia das vielas açaimada na Lei!
Ó xale e lenço a resguardar a tística!
Ó Franzinas do fanico
co' a síflis ao colo por essas esquinasi!
Ó nu d'aluguer
na meia-luz dos cortinados corridos!
Ó oratório da meretriz a mendigar gorjetas
p'rá sua Senhora da Boa-Sorte!
Ó gentes tatuadas do calão!
Ó carro vendado da Penitenciarial!

E tu também, ó Humilde, ó Simples!
enjaulados na vossa ignorância!
Ó pé descalço a calejar o cérebro!
Ó músculos da saúde de ter fechada a casa de pensar!
Ó alguidar de açorda fria
na ceia-fadiga da dor-candea!
Ó esteiras duras para dormir e fazer filhosi!
Ó carreiras da Voz do Operário
com gente de preto a pé e filarmónica atrás!
Ó campos rasas, engrinaldadas,
com chapões de ferro e balões de vidro!
Ó bota rota de mendigo abandonada no pó do caminho!
Ó metamorfose-selvagem das feras da cidade!
Ó geração de bons ladrões crucificados na Estupidez!

Ó sanfona-saloia do fandango dos campinos!
Ó pampilho das Lezírias inundadas de Cidade!
Ó trouxa d'aba larga da minha lavadeira,
ó rodopio azul da saia azul de Louresi!

E vós varinas que sabeis a sal
as Naus da Fenicia ainda não voltaram?!
E vós também, ó moças da Província
que trazeis o verde dos campos
no vermelho das faces pintadas!

E tu também, ó mau gosto
co' a saia de baixo a ver-se
e a falta d'educação!
Ó oiro de pechisbeque (esperteza dos ciganos)
a luzir no vermelho verdadeiro da blusa de chita!
Ó tédio do domingo com botas novas
e música n' Avenida!
Ó santa Virgindade
a garantir a falta de lindeza!
Ó bilhete postal ilustrado
com aparições de beijos ao lado!
E vós ó gentes que tendes patrões,
autômatos do dono a funcionar barato!
Ó criadas novas chegadas de fora p'ra todo o serviço!
Ó costureiras mirradas,
emaranhadas na vossa dor!
Ó reles caixeiros, pederastas do balcão,
a quem o patrão exige modos lissonjeiros
e maneiras agradáveis pròs freguesesi!
Ó Arsenal-fadista de ganga azul e coco socialista!
Ó saídas pôr-do-sol das Fábricas d'Agonia!
E vós também, ó toda a gente,
que todos tendes patrões!

E vós também, nojentos da Política
que explorais eleitos o Patriotismo!
Macrots da Pátria que vos pariu ingénuos
e vos amortalha infames!
E vós também, pindéricos jornalistas
que fazeis cócegas e outras coisas
à opinião pública!

E tu também roberto fardado:
Futrica-te espantalho engalonado,
apeia-te das patas de barro,
Larga a espada de matar
e põe o penacho no raboi!

Ralha-te mercenário, asceta da Crueldade!
 Espuma-te no chumbo da tua Valência!
 Agoniza-te Rilharoles armado!
 Desuniversidatiza-te da doutorança da chacina,
 da ciência da matança!
 Groom fardado da Negra,
 pária da Velha!
 Encaveira-te nas esporas luzidias de seres feral
 Despe-te da farda,
 desenfia-te da Impostura, e põe-te nu, ao léu
 que ficas desempregado!
 Acourça-te de senso,
 vomita de vez o morticínio,
 enche o pote de raciocínio,
 aprende a ler corações,
 que há muito mais que fazer
 do que fazer revoluções!
 Ruína com tuas próprias peças-colossos
 as tuas próprias peças colossais,
 que de 42 a 1 é meio-caminho andado!
 Rebusca no seres selvagem
 no teu cofre do extermínio
 o teu calibre máximo!
 Põe de parte a guilhotina,
 dá férias ao garrote!
 Não des língua aos teus canhões,
 nem ecos às pistolas,
 nem vozes às espingardas!
 — São coisas fora de moda!
 Põe-te a fazer uma bomba
 que seja uma bomba tamanha
 que tenha dez raios da Terra.
 Põe-lhe dentro a Europa inteira,
 os dois pólos e as Américas,
 a Palestina, a Grécia, o mapa
 e, por favor, Portugal!
 Acaba de vez com este planeta,
 faze-te Deus do Mundo em dar-lhe fim!
 (Há tanta coisa que fazer, Meu Deus!
 e esta gente distraída em guerras!)

Eu creio na transmigração das almas
 por isto de Eu viver aqui em Portugal.
 Mas eu não lembro o mal que fiz
 durante o Meu avatar de burguês.
 Oh! Se eu soubesse que o Inferno
 não era como os padres mo diziam:
 uma formalha de nunca se morrer...
 mas sim um Jardim da Europa
 à beira-mar plantado...
 Eu teria tido certamente mais juízo,
 teria sido até o mártir São Sebastião!
 E ainda há quem faça propaganda disto:
 a pátria onde Camões morreu de fome
 e onde todos encham a barriga de Camões!
 Se ao menos isto tudo se passasse
 numa Terra de mulheres bonitasi
 Mas as mulheres portuguesas
 são a minha impotência!

E tu, meu rotundo e pancudo-sanguessugo,
 meu desacreditado burguês apinocado
 da rua dos bacalhoiros do meu ódio
 co' a Felicidade em casa a servir aos dias!
 Tu tens em teu favor a glória fácil
 igual à de outros tantos teus pedaços
 que andam desajuntados neste Mundo,
 desde a invenção do mau cheiro,
 a estorvar o asseio geral.
 Quanto mais penso em ti, mais tenho Fé e creio
 que Deus perdeu de vista o Adão de barro
 e com pena fez outro de bosta de boi
 por lhe faltar o barro e a inspiração!
 E enquanto este Adão dormia
 os ratos roeram-lhe os miolos,
 e das caganitas nasceu a Eva burguesa!

Tu arreganhas os dentes quando te falam d'*Orpheu*
 e pões-te a rir, como os pretos, sem saber porquê.
 E chamas-me doido a Mim
 que sei e sinto o que Eu escrevi!
 Tu que dizes que não percebes;
 rir-te-ás de não perceberes?

Olha Hugo! Olha Zola, Cervantes e Camões,
e outros que não são nada por te cantarem a ti!
Olha Nietzsche! Wildel! Olha Rimbaud e Dowson!
Casário, Antero e outros tantos mundos!
Beethoven, Wagner e outros tantos gênios
que não fizeram nada,
que deixaram este mundo tal qual!
Olha os grandes o que são estragados por ti!
O teu máximo é ser besta e ter bigodes.
A questão é estar instalado.
Se te livras de burguês e sobes a talento, a génio,
a seres alguém,
o Bem que tu fizeres é um décimo de seres feral!
E de que serve o livro e a ciência
se a experiência da vida
é que faz compreender a ciência e o livro?
Antes não ter ciências!
Antes não ter livros!
Antes não ter Vida!

Eu queria cuspir-te a cara e os bigodes,
quando te vejo apalermado p'las esquinhas
a dizeres piadas às meninas,
e a gostares das mulheres que não prestam
e a fazer-lhes a corte
e a apalpar-lhes o rabo,
esse tão cantado belo cu
que creio ser melhor o teu ideal
que a própria mulher do cu grande!
E casaste-te com Ela,
porque o teu ideal veio pegado a Ela,
e agora à brocha limpas a calva em pinga
à coca de cunhas p'ró Cunha examinador
do teu décimo nono filho
dezanove vezes parvo!
(É o caso mais exemplar de Constância e fidelidade
a tua história sexual c'oa Felisberta,
desde o teu primogénito tanso
'té ao décimo nono idiota.)
'Té no matrimónio te maldigo, infame cobridor!
Espécie de verme das lamas dos pântanos
que de tanto se encharcar em gozos

o seu corpo se atrofiou
e o sexo efêmanizado foi todo o seu corpo!
Em toda a parte tu és o admirador
e em toda a parte a tua ignorância
tem a cumplicidade da incompreensão
dos que te falam 'té dos lugares sagrados.
Sim! Eu sei que tu és juiz
e qu'inda ontem prometeste à tua amante,
despedindo-a num beijo de impotente,
a condenação dos réus que tivesses
se Ela faltasse a matiné da Boa-Hora!
Pulha! E és tu que do púlpito
d'essa barriga d'Água da Cúria
dás a ensinança de trote
aos teus dezanove filhos?!
Cocheiros, conta: dezanove!!!

Zute! bruto-parvo-nada
que Me roubaste tudo:
'té Me roubaste a Vida
e não Me deixaste nada!
nem Me deixaste a Morte!
Zute! poeta-pingo-microbio
que genes pequeníssimos gemidos gigantes
grávido de uma dor profeta colossal.
Zute! elefante-berloque parasita do não presta!
Zute! buganga-celulóide-bagatela!
Zute, bestal!
Zute, bácoro!!
Zute, merda!!!
Em toda a parte o teu papel é admirar,
mas (caso infeliz)
nunca certas numa admiração feliz.
Lês os jornais e admiras tudo do principio ao fim
e se por desgraça vem um dia sem jornais,
tens de ficar em casa nos chinelos
porque nesse dia, felizmente,
não tens opinião pra levares à rua.
Mas nos outros dias lá estás a discutir.
É que a Natureza é compensadora:

quem não tem dinheiro p'ra ir ao Coliseu
 deve ter cá fora razões p'ra se rir.
 Só te oiço dizer dos outros
 a inveja de seres como eles.
 Nem ao menos, pobre factista,
 a veleidade de seres mais bruto?
 Até os teus desejos são avaros
 como as tuas unhas sujas e ratadas.
 O meu gordo pelintrão,
 água-moma suja, broa do outro v'rao!
 Os homens são na proporção dos seus desejos
 e é por isso que eu tenho a Conceção do Infinito...
 Não te cora ser grande o teu avô
 e tu apenas o seu neto, e tu apenas o seu esperma?
 Não te dói Adão mais que tu?
 Não te envergonha o teres antes de ti
 outros muito maiores que tu?
 Jamais eu queteria vir a ser um dia
 o que o maior de todos já o tivesse sido
 eu quero sempre muito mais
 e mais ainda muito p' além-demais-Infinito...
 Tu não sabes, meu bruto, que nós vivemos tão pouco
 que ficamos sempre a meio-caminho do Desejo?

Em toda a parte o bicho se propaga,
 em toda a parte o nada tem estalagem.
 O meu suplício não é somente de seres meu patrício
 ou o de ver-te meu semelhante,
 tu, mesmo estrangeiro, és besta bastante.
 Foi assim que te encontrei na Rússia
 como vegetas aqui e por toda a parte,
 e em todos os ofícios
 e em todas as idades.
 Lá supor-tei-te muito! Lá falavas russo
 e eu só sabia o francês.
 Mas na França, em Paris — a grande capital,
 apesar de fortificada,
 foi assolada por esta espécie animal.
 E andam p'los cafés como as pessoas
 e vestem-se na moda como elas,
 e de tal maneira domésticos
 que até vão às mulheres

e até vão aos domésticos.
 Felizmente que na minha pátria,
 a minha verdadeira mãe, a minha santa Irlanda,
 apenas vivi uns anos d'infância,
 apenas me acodem longinquamente
 as festas ensuoradas do priest da minha aldeia,
 apenas resuscitam sumidamente
 as asfixias da tísica-mater,
 apenas soam como revoltas
 as pistolas do suicídio de meu pai,
 apenas sinto infantilmente
 no leito de uma morta
 o gelo de umas unhas verdes,
 um frio que não é do Norte,
 um beijo grande como a vida de um tísico a morrer.
 Ó Deus! Tu que m'os levaste é que sabias
 o Ódio que eu lhes teria
 se não tivessem ficado por ali!
 Mas antes, mil vezes antes,
 aturar os burgueses da My Ireland
 que estes desta Terra
 que parece a pátria deles!
 Ó Horror! Os burgueses de Portugal
 têm de pior que os outros
 o serem portugueses!

A Terra vive desde que um dia
 deixou de ser bola do ar
 p'ra ser solar de burgueses.
 Houve homens de talento, génios e imperadores.
 Precisaram-se de ditadores,
 que foram sempre os maiores.
 Cansou-se o mundo a estudar
 e os sábios morreram velhos
 fartos de procurar remédios,
 e nunca acharam o remédio de parar.
 E ainda eu hoje vivo no século XX
 a ver desfilar burgueses
 trezentas e sessenta e cinco vezes ao ano,
 e a saber que um dia
 são vinte e quatro horas de chatice
 e cada hora sessenta minutos de tédio
 e cada minuto sessenta segundos de spleen!

Ora bolas para os sábios e pensadores!
Ora bolas para todas as épocas e todas as idades!
Bolas pròs homens de todos os tempos,
e prà intrujice da Civilização e da Cultural!

Eu invejo-te a ti, ó coisa que não tens olhos de veri!
Eu queria como tu sentir a beleza de um almoço pontual
e a flicidade de um jantar cedinho
còs bestas da família.

Eu queria gostar das revistas e das coisas que não prestam
porque são muitas mais que as boas
e enche-se o tempo mais!

Eu queria, como tu, sentir o bem-estar
que te dá a bestialidade!

Eu queria, como tu, viver enganado da vida e da mulher,
e sem o prazer de seres inteligente pessoalmente!

Eu queria, como tu, não saber que os outros não valem nada

p'ra os poder admirar como tu!
Eu queria que a vida fosse tão divinal

como tu a supões, como tu a vives!
Eu invejo-te, ó pedaço de coriça

a boiar à tona d'água, à mercê dos ventos,
sem nunca saber que fundo que é o Mar!

Olha para ti!

Se te não vês, concentra-te, procura-te!

Encontrarás primeiro o alfinete

que espetaste na dobra do casaco,

e depois não percas o sítio,

porque estás decerto ao pé do alfinete.

Espeita-te nele para não te perderes de novo,
e agora observa-te!

Não te escarneças! Acomoda-te em sentido!

Não te odeis ainda qu'inda agora começaste!

Enjoa-te no teu nojo, mastodontei!

Indigesta-te na palha dessa tua civilização!

Desbesunta-te dessa vermeal!

Destapa a tua decência, o teu imoral pudor!

Albarda-te em senso! Estriba-te em Ser!

Limpa-te do cancro amarelo e podrei!

Do lazareto de seres burro!

Desatreia-te do cérebro-carroça!

Desata o nó-cego da vista!

Desilustra-te, descultiva-te, despole-te,

que mais vale ser animal que besta!

Deixa antes crescer os cornos que outros adornos da Civilização!

Querria-te antes antropófago porque comias os teus

— talvez o mundo fosse Mundo

e não a retrete que é!

Aí! excremento do Mal, avergonha-te

no infinitamente pequeno de ti com o teu papagaio:

Ele fala como tu e diz coisas que tu dizes

e se não sabe mais é por tua culpa, meu mandrião!

E tu, se não fosses os teus pais,

davas guinchos, meu saguini!

— Tu és o papagaio de teus pais!

Mas há mais, muito mais

que a tua ignorância-miopia te cega.

Empresto-te a minha Inteligência.

Vê agora e não desmaies ainda!

Então eu não tinha razão?

P'ra que me chamavas doido

quando eu m'enjoava de ti?

Ah! já tens medo?!

Porque te rias da vida

e ias ensuorar as vrilhas nos fauteuils das revistas

còs pernas fogo de vistas

das coristas de Petróleo?

Porque davas palmas aos compères e actorescos

pelintras e fantoches

antes do palco, no palco e depois do palco?

Ora dize—Me com franqueza:

Era por eles terem piada?

Então era por a não terem

Ah! Era p'ra tu teres piada, meu bruto?!

Porque mandaste de castigo os teus filhos p'ras Belas-Artes

quando ficaram mal na instrução primária?

Porque é que dizes a toda a gente que o teu filho idiota

estuda p'ra poeta?

Porque te casaste com a tua mulher

se dormes mais vezes cò'a tua criada?

Porque batestes no teu filho quando a mestra

te contou as indecências na aula?

Não te lembras das que tu fizeste
com a própria mestra de moral?
Ou queres tu ser decente,
tu, que tens dezanove filhos?!

Porque choraste tanto quando te desonraram a filha?
Porque lhe quisesse matar o amante?
Não achas isto natural? Não achas isto interessante?
Porque não choraste também pelo amante?...

Deixa! Deixa! Eu não te quero morto com medo de ti-próprio!
Eu quero-te vivo, muito vivo, a sofrer!
Não te despertes do alfinete!
Eu abro a janela pra não cheirar mal!

Galopa a tua bestialidade
na memória que eu faço dos teus coices,
cavalga o teu insecticismo na tua sela de D. Duarte!
Arrea-te de Bom-Senso um segundo! peço-te de joelhos.
Encabresta-te de Humanidade
e eu passo-te uma zoologia para as mãos
p'ra te inscreveres na divisaão dos Mamíferos.
Mas anda primeiro ao Jardim Zoológico!
Vem ver os chimpanzés!

Acorpanzila-te neles se te ousas!
Sagra-te de cu-azul a ver se eles te querem!
Lá porque aprendeste a andar de mãos no ar
não quer dizer que sejas mais chimpanzé que eles!

Larga a cidade masturbadora, febril,
rabo decepado de lagartixa,
labirinto cego de toupeiras,
raça de ignobeis míopes, tísicos, tarados,
anémicos, cancerosos e arseniados!
Larga a cidade!

Larga a infâmia das ruas e dos boulevards
esse vaivém cínico de bandidos mudos
esse mexer esponjoso de carne viva
Esse ser-lesma nojento e macabro
Esse S ziguezague de chicote auto-fustigante
Esse ar expirado e espiritista...
Esse inferno de Dante por cantar
Esse ruído de sol prostituído, impotente e velho...
Esse silêncio pneumónico
de lua enxovalhada sem vir a lavadeira!

Larga a cidade e foge!
Larga a cidade!
Vence as lutas da família na vitória de a deixar.
Larga a casa, foge dela, larga tudo!
Nem te prendas com lágrimas, que lágrimas são cadeias!
Larga a casa e verás — vai-se-te o Pesadelo!
A família é lastro, deita-a fora e vais ao céu!
Mas larga tudo primeiro, ouviste?

Larga tudo!
— Os outros, os sentimentos, os instintos,
e larga-te a ti também, a ti principalmente!
Larga tudo e vai para o campo
e larga o campo também, larga tudo!
— Põe-te a nascer outra vez!

Não queiras ter pai nem mãe,
não queiras ter outros nem Inteligência!
A Inteligência é o meu cancro
eu sinto-A na cabeça com falta de ar!
A Inteligência é a febre da Humanidade
e ninguém a sabe regular!
E já há Inteligência a mais pode parar por aqui!
Depois põe-te a viver sem cabeça,
vê só o que os olhos virem,
cheira os cheiros da Terra
come o que a Terra der,
bebe dos rios e dos mares,
— põe-te na Natureza!

Ouve a Terra, escura-A.
A Natureza à vontade só sabe rir e cantar!
Depois, põe-te à coca dos que nascem
e não os deixes nascer.

Vai depois pela noite nas sombras
e rouba a toda a gente a Inteligência
e raspa-lhes a cabeça por dentro
cô'as tuas unhas e cacos de garrafa,
bem raspado, sem deixar nada,
e vai depois depressa muito depressa
sem que o sol te veja
deitar tudo no mar onde haja tubarões!
Larga tudo e a ti também!

Mas tu nem vives nem deixas viver os mais,
Crápula do Egoísmo, cartola d'espanta-pardais!

Mas hás-de pagar-Me a febre-rodopio
 novelo emaranhado da minha dor!
 Mas hás-de pagar-Me a febre-calafrio
 abismo-descida de Eu não querer descer!
 Hás-de pagar-Me o Absinto e a Morfina
 Hei-de ser cigana da tua sina
 Hei-de ser a bruxa do teu remorso
 Hei-de desforra-dor cantar-te a buena-dicha
 em águas fortes de Goya
 e no cavalo de Tróia
 e nos poemas de Poé!
 Hei-de feiticera a galope na vassoura
 largar-te os meus lagartos e a Peçonhai!
 Hei-de Vara Mágica encantar-te Arte de Ganir!
 Hei-de reconstruir em ti a escravatura negral!
 Hei-de despir-te a pele a pouco e pouco
 e depois na carne-viva deitar fel,
 e depois na carne-viva semear vidros,
 semear guines,
 lumes,
 e tiros,
 Hei-de gozar em ti as poses diabólicas
 dos teatrais venenos trágicos do pensa Zoroastro!
 Hei-de rasgar-te as virilhas com forquilhas e croques,
 e destraldar-te nas canelas mirradas
 o negro pendão dos piratas!
 Hei-de corvo marinho beber-te os olhos vesgosi!
 Hei-de bóia do Destino ser em brasa
 e tu náufrago das galés sem horizontes verdes!
 E mais do que isto ainda, muito mais:
 Hei-de ser a mulher que tu gostes,
 hei-de ser Ela sem te dar atenção!

Ah! que eu sinto claramente que nasci
 de uma praga de ciúmes.
 Eu sou as sete pragas sobre o Nilo
 e a Alma dos Bórgias a pensar!...

FRISOS

SILÊNCIOS

... e os dois morenos calaram os seus amores.

Longe um do outro estavam sempre juntos os dois morenos. Juntos
 escutavam em longos silêncios os silêncios de suas almas. Só entre os ou-
 tros é que seus olhares não viam outros que não fossem os do outro.

Tristes por seus silêncios convidavam-se a uma para longos passeios
 na margem do rio, no bosque, na floresta; e os longos passeios davam-
 lhes apenas longos silêncios que lhes não consentiam sequer darem os
 braços. Nem se olhavam. Apenas ele, como mais velho, depois de longas
 horas mudas começava a dizer-lhe das estrelas bonitas. Ela respondia-lhe
 nas canções das águas nas fontes.

E vinha de novo o silêncio a ensinar-lhes o caminho de seus lares.

No outro dia mais cheios de coragem combinam mais longos pas-
 seios para além do rio, para além do bosque, para além da floresta.

Mas os mais longos passeios dão-lhes mais longos silêncios.

Na despedida ela sentiu coragem. Ouvi... mas já se esqueceu do que
 ia a contar e fingiu a lembrança a perguntar-lhe se estava bem de pentea-
 dos. E as boas-noites a separá-los de novo.

Nunca foram tão devagar!

Lágrimas e saudades os levam a suas casas e em suas casas encontram
 de visita a coragem para irem dizer um ao outro os seus amores.

Ele foi a casa dela e ela procurou-o em casa dele. Ele não estava em
 casa, ela ainda não tinha vindo. E tristes regressavam a seus lares cada
 um pensando nos amores do outro.

Na encruilhada os desolados caminheiros não se conheceram:

— Boas-noites, irmão!

— Boas-noites, irmã!

A voz era d'ele! A fala era a d'ela.

A lua nascia contente. E em longos passeios longos silêncios lhes dis-
 seram que se amavam muito os dois morenos.

CIÚMES

Pierrot dorme sobre a relva junto ao lago. Os cisnes junto dele passam
 sede, não no acordem ao beber.

Uma andorinha travessa, linda como todas, avoa brincando rente à relva
 e beija ao passar o nariz de Pierrot. Ele acorda e a andorinha, fugindo há
 muito, olha de medo atrás, não venha o Pierrot de zangado perseguir-la pelos

MANIFESTO ANTI-DANTAS

E

POR EXTENSO

POR

JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS

POETA D'ORPHEU

FUTURISTA

E

TUDO

BASTA PUM BASTA

UMA GERAÇÃO, que consente deixar-se representar por um Dantas é uma geração que nunca o foi. É um coio d'indigentes, d'indignos e de cegos! É uma resma de charlatães e de vendidos, e só pode partir abaixo de zero! Abaixo a geração!

Morra o Dantas, morral! Pim!

Uma geração com um Dantas a cavalo é um burro impotente!

Uma geração com um Dantas à proa é uma canoa em seco!

O Dantas é um cigano!

O Dantas é meio cigano!

O Dantas saberá gramática, saberá sintaxe, saberá medicina, saberá fazer ceias pra cardeais, saberá tudo menos escrever que é a única coisa que ele faz!

O Dantas pesca tanto de poesia que até faz sonetos com ligas de duquesas!

O Dantas é um habilidoso!

O Dantas veste-se mal!

O Dantas usa ceroulas de malha!

O Dantas especula e inocula os concubinos!

O Dantas é Dantas!

O Dantas é Júlio!

Morra o Dantas, morral! Pim!

O Dantas fez uma soror Mariana que tanto o podia ser como a soror Inês ou a Inês de Castro, ou a Leonor Teles, ou o Mestre d'Aviz, ou a Dona Constança, ou a Nau Catrineta, ou a Maria Rapazi!

E o Dantas teve claquel! E o Dantas teve palmas! E o Dantas agradeceu!

O Dantas é um cigano!

Não é preciso ir pró Rossio pra ser pantommineiro, basta ser-se pantommineiro!

Não é preciso disfarçar-se pra se ser saltador, basta escrever como o Dantas! Basta não ter escríptulos nem morrais, nem artísticos, nem humanos! Basta andar com as modas, com as políticas e com as opiniões! Basta usar o tal sorrisinho, basta ser muito delicado, e usar coco e olhos meigos! Basta ser Judas! Basta ser Dantas!

Morra o Dantas, morral! Pim!

O Dantas nasceu para provar que nem todos os que escrevem sabem escrever!

O Dantas é um automático que deita pra fora o que a gente já sabe que vai sair... Mas é preciso deitar dinheiro!

O Dantas é um automático que deita fora o que a gente já sabe que vai sair... Mas é preciso botar dinheiro!

O Dantas é um soneto dele-próprio!

O Dantas em génio nem chega a pólvora seca e em talento é pim-pam-pum.

O Dantas nu é horroroso!

O Dantas cheira mal da boca!

Morra o Dantas, morral! Pim!

O Dantas é o escárnio da consciencial!

Se o Dantas é português eu quero ser espanhol!

O Dantas é a vergonha da intelectualidade portuguesa! O Dantas é a meta da decadência mental!

E ainda há quem não core quando diz admirar o Dantas!

E ainda há quem lhe estenda a mão!

E quem lhe lave a roupa!

E quem tenha dó do Dantas!

E ainda há quem duvide de que o Dantas não vale nada, e que não sabe nada, e que nem é inteligente, nem decente, nem zero!

Vocês não sabem quem é a soror Mariana do Dantas?

Eu vou-lhes contar:

A princípio, por cartazes, entrevistas e outras preparações com as quais nada temos que ver, pensei tratar-se de soror Mariana Alcoforado a pseudo-autora daquelas cartas francesas que dois ilustres senhores desta terra não descansaram enquanto não estragaram pra português,

quando subiu o pano também não fui capaz de distinguir porque era noite muito escura e só depois de meio acto é que descobri que era mandrugada porque o bispo de Beja disse que tinha estado à espera do nascer do Sol!

A Mariana vem descendo uma escada estreitíssima mas não vem só, traz também o Chamilly que eu não cheguei a ver, ouvindo apenas uma voz muito conhecida aqui na Brasileira do Chiado. Pouco depois o bispo de Beja é que me disse que ele trazia calções vermelhos.

A Mariana e o Chamilly estão sozinhos em cena, e às escuras, dando a entender perfeitamente que fizeram indecências no quarto. Depois o Chamilly, completamente satisfeito, despede-se e salta pela janela com grande mágoa da freira lacrimosa. E ainda hoje os turistas têm ocasião de observar as grades arrombadas da janela do quinto andar do Convento da Conceição de Beja na Rua do Touro, por onde se diz fugiu o célebre capitão de cavalos em Paris e dentista em Lisboa.

A Mariana que é histórica começa a chorar desatinadamente nos braços da sua confidente e excelente pau de cabeleira soror Inês.

... Vêm descendo pla dita estreitíssima escada, várias Marianas todas iguais e de candelas acesas, menos uma que usa óculos e bengala e anda toda curvada pra frente o que quer dizer que é abadessa.

E seria até uma excelente personificação das bruxas de Goya se quando falasse não tivesse aquela voz tão fresca e maviosa da Tia Felicidade da vizinha do lado. E reparando nos dois vultos interroga espacadamente com cadência, austeridade e imensa falta de corda... Quem está aí?... E de candelas apagadas?

— Foi o vento, dizem as pobres inocentes varadas de terror... E a abadessa que só é velha nos óculos, na bengala e em andar curvada pra frente manda tocar a sineta que é um dó d'alma o ouvi-la assim tão debilitada. Vão todas pró coro, mas eis que, de repente, batem no portão e sem se anunciar nem limpar-se da poeira, sobe a escada e entra plo salão um bispo de Beja que quando era novo fez brejeirices com a menina do chocolate.

Agora completamente emendado revela à abadessa que sabe por cartas que há homens que vão às mulheres do convento e que ainda há pouco vira um de cavalos a saltar pla janela. A abadessa diz que efectivamente já há tempos que vinha dando pla falta de galinhas e tão inocentinha, cotada, que naqueles oitenta anos ainda não teve tempo pra descobrir a razão da humanidade estar dividida em homens e mulheres. Depois de sérios embarços do bispo é que ela deu com o atrevimento e mandou chamar as duas freiras de há pouco com as candelas apagadas. Nesta altura esta peça policial toma um pedaço d'interesse porque o bispo ora parece um polícia de investigação disfarçado em bispo, ora um bispo

com a falta de delicadeza de um político d'investigação, e tão perspicaz que descobre em menos de meio minuto o que o público já está farto de saber — que a Mariana dormiu com o Noel. O pior é que a Mariana foi à serra com as indcrições do bispo e desata a berrar, a berrar como quem se estava marimbando pra tudo aquilo. Esteve mesmo muito perto de se estrear com um par de murros na coroa do bispo no que se mostrou de um atrevimento, de uma insolência e de uma decisão reflona que excedeu todas as expectativas.

Ouve-se uma corneta tocar uma marcha de clarins e Mariana sentindo nas patas dos cavalos toda a alma do seu preferido foi qual pardalito engaiolado a correr até às grades da janelá a gritar desalmadamente plo seu Noel. Grita, assobia e redopia e pia e rasga-se e magoa-se e cai de costas com um acidente, do que já previamente tinha avisado o público e o pano também cai e o espectador também cai da paciência abaixo e desata numa destas pateadas tão enormes e tão monumentais que todos os jornais de Lisboa no dia seguinte foram unânimes naquele êxito teatral do Dantas.

A única consolação que os espectadores decentes tiveram foi a certeza de que aquilo não era a soror Mariana Alcoforado mas sim uma merdariana-aldantas-cufurado que tinha chliques e exageros sexuais.

Continue o senhor Dantas a escrever assim que há-de ganhar muito com o Alcufulrado e há-de ver que ainda apanha uma estátua de prata por um ourives do Porto, e uma exposição das maquetes prò seu monumento erecto por subscrição nacional do *Século* a favor dos feridos da guerra, e a Praça de Camões mudada em Praça do Dr. Júlio Dantas, e com festas da cidade plos aniversários, e sabonetes em conta “Júlio Dantas” e pastas Dantas pròs dentes, e graxa Dantas pràs botas e Nivela na Dantas, e comprimidos Dantas, e autoclismos Dantas e Dantas, Dantas, Dantas... E limonadas Dantas-Magnésia.

E fique sabendo o Dantas que se um dia houver justiça em Portugal todo o mundo saberá que o autor de *Os Lusitadas* é o Dantas que num rasgo memorável de modéstia só consentiu a glória do seu pseudónimo Camões.

E fique sabendo o Dantas que se todos fossem como eu, haveria tais munhões de manguitos que levariam dois séculos a gastar.

Mas julgais que nisto se resume a literatura portuguesa? Não! Mil vezes não!

Temos, além disto o Chianca que já fez rimas pra Aljubarrota que deixou de ser a derrota dos castelhanos pra ser a derrota do Chianca.

E as pinhoiques de Vasco Mendonça Alves passadas no tempo da avozinha! E as infelicidades de Ramada Curto! E o talento insólito de Urbano Rodrigues! E as gaitadas do Bruno! E as traduções só pra homem

do ilustríssimo excellentíssimo senhor Mello Barreto! E o frei Matta Nunes Moxo! E a Inês Sifilitica do Faustino! E as imbecilidades do Sousa Costa! E mais pedantices do Dantas! E Alberto Sousa, o Dantas do desenhinho! E os jornalistas do *Século* e da *Capital* e do *Notícias* e do *País* e do *Dia* e da *Nação* e da *República* e da *Lucta* e de todos, todos os jornais! E os actores de todos os teatros! E todos os pintores das Belas-Artes e todos os artistas de Portugal que eu não gosto. E os da *Águia* do Porto e os palermas de Coimbra! E a estupidez do Oldemiro César e o Dr. José de Figueiredo Amante do Museu e ah oh os Sousa Pinto hu hi e os burros de Cachilas e os *menus* do Alfredo Guisadol e o raquítico Albino Forjaz de Sampaio, crítico da *Lucta* a quem o Fialho com imensa piada intrujou de que tinha talento! E todos os que são políticos e artistas! E as exposições anuais das Belas-Artes! E todas as maquetas do Marquês de Pombal! E as de Camões em Paris: e os Vaz, os Estrela, os Lacerda, os Lucena, os Rosa, os Costa, os Almeida, os Camacho, os Cunha, os Carneiro, os Barros, os Silva, os Gomes, os velhos, os idiotas, os arranjistas, os impotentes, os celerados, os vendidos, os imbecis, os párias, os ascetas, os Lopes, os Peixoto, os Mota, os Godinho, os Teixeira, os Câmara, os diabo que os leve, os Constantino, os Tertuliano, os Grave, os Mântua, os Bahia, os Mendonça, os Brásão, os Matos, os Alves, os Albuquerque, os Sousa e todos os Dantas que houver por aí!!!!!!!

E as convicções urgentes do Homem Cristo Pai e as convicções caritas do Homem Cristo Filho!...

E os concertos do Blanch! E as estátuas ao leme, ao Eca e ao despertar e a tudo! E tudo o que seja arte em Portugal! E tudo! Tudo por causa do Dantas!

Morra o Dantas, morra! ☛ Pimi!

Portugal que com todos estes senhores conseguiu a classificação do país mais atrasado da Europa e de todo o Mundo! O país mais selvagem de todas as Áfricas! O exílio dos degregados e dos indiferentes! A África recusa dos eutropens! O entulho das desvantagens e dos sobejos! Portugal inteiro há-de abrir os olhos um dia — se é que a sua cegueira não é incurável e então gritará comigo, a meu lado, a necessidade que Portugal tem de ser qualquer coisa de assado!

Morra o Dantas! Morra! ☛ Pimi!

JOSE DE ALMADA-NEGREIROS

POETA D'ORPHEU

FUTURISTA

E

TUDO

1915